

" TROCA DE PELE DAS SERPENTES  
NAS XILOGRAVURAS DE CLÁUDIA SPERB"

Prof. Dr. Marcos Ferreira Santos,  
CICE/FEUSP

Cláudia Sperb, a menina-mestre das goivas geradoras de vida na matriz-madeira que imprime e prima pela própria vida, nos presenteia novamente com sua trajetória serpenteante. Novamente, o olhar desliza pelo claro-escuro do jogo crepuscular entre os padrões da impressão. A pressão do papel japonês sobre a matriz da xilogravura nos lembra a fusão do corpo e do espírito, espaço e tinta... De repente, a pele fina da xilogravura, ao deixar o ventre da matriz, se desprende lentamente... Como um novo ser, nos revela a epifania da criação.

E aqui, justamente, Sperb nos surpreende novamente. A mesma temática das serpentes não se esgota. Gota a gota, escorre como o veneno ofídico: princípio de morte e, contraditoriamente, também princípio de vida. Doadora de sentido, labiríntica, nos atrai para o seu interior e nos expulsa do cotidiano banal. Algo se revela. Epifania?

Epidérmica, a nova série de Sperb tem uma qualidade ontológica: nos remete ao Ser em sua abertura permanente. Os padrões e as escamas da serpente, delicadamente, impressas em tinta branca sobre o papel branco, adquire a *insustentável leveza do Ser*, lembrando a obra de Milan Kundera. A xilogravura flutua, leve e densa. Sperb consegue reproduzir na sua xilogravura a metamorfose da troca de pele: *muda*.

Muda - silêncio sem palavras; muda - troca de lugar; muda - transmutação. São várias as mudas na pele e as mudas de pele. Não se passa indiferente diante da obra. A mão hesita e quer tocar a superfície da pele-xilogravura. Por que? Ela é a capa do Ser que se expõe. Ser que cresce, ser que aumenta de volume, ser que aprofunda sua sensibilidade até que a pele-metamorfose se funda com o sangue que alimenta

a vida transbordante da criação. Me lembro da epiderme das mãos na dançarina hindustani na dança shivaya da criação do universo: *mudras*. Não seria a serpente também a representação da energia *kundalini* na espinha dorsal? Epifania?

Sperb vai além da pele. Penetra no corpo do Ser. Como tatuagem penetra através da pele para nos imprimir suas imagens arquetípicas. Parte e todo se remetem constantemente. Cada veio aberto canaliza a tinta para o espaço intocado. Cada xilogravura canaliza nosso olhar e alma para o espaço intocado da própria alma. Então, saltita ébrio de paixão o vermelho arterial, dizendo dos veios abertos. Ela, menina-deusa, brinca de vida ao criar seu vermelho. Mãe-serpente, aqui se distancia do réptil: não se aquece com o ambiente externo. Ela própria aquece o ambiente. Seu vermelho vibra, em cruz, na totalização dos espaços, o vínculo da pele e do sangue. Epifania?

Como ignorar este duplo apelo da nova série da obra de Cláudia Sperb? A pele, epidérmica, fina e fria a se desprender da serpente e seu sangue quente a jorrar telúrico; a se oferecer em sacrifício à vida. Parafraseando nosso inesquecível Merleau-Ponty: "*esta obra exigia esta vida*". Não foi Cláudia quem escolheu as serpentes. As serpentes a escolheram. Ser Sperb é serpente. Pele e Ente. O que aparece e o que se esconde nas profundezas do Ser.

Sim. A obra é uma epifania: na faina epidérmica de se deixar sentir e ser, troca de pele.

*Entre os eucaliptos e os anjos azuis do céu invernosos  
de uma Cotia resistente,  
julho de 2.000*